

A CLASSE OPERARIA

Nº 16

Julho de 1967

1907 m. 12

Ano II

VINCULAR-SE AS MASSAS

A linha política do Partido Comunista tem origem nos interesses mais profundos e vitais do povo e só se transforma em realidade com o seu apoio. A força e a invencibilidade dos comunistas residem justamente em seu estreito contato com as massas, em sua aptidão de mobilizá-las e orientá-las.

Nas condições atuais de nosso país existem grandes possibilidades para os comunistas se ligarem às massas. O descontentamento lavra em todos os setores da população. A situação dos trabalhadores das cidades e do campo, que já era difícil antes do golpe de abril, tornou-se ainda mais grave nestes três anos de ditadura militar. A política da reação está voltada para impedir, por todos os meios, as ações populares. Mas se os comunistas souberem levantar de modo correto as reivindicações das massas e preparar suas lutas nada poderá deter a eclosão de movimentos de envergadura.

Cada organização do Partido e cada comunista devem prestar a maior atenção às aspirações sentidas das massas. Precisam dirigir sua atividade particularmente para a classe operária e os camponeses. Estudando, junto aos trabalhadores, suas necessidades mais prementes, debatendo com eles a melhor maneira de organizar sua luta, é possí-

vel desencadear greves e outras manifestações reivindicatórias ou de protesto. Uma greve realizada com êxito numa ou em várias empresas, repercutirá entre os trabalhadores de todo o país e servirá de estímulo a novas ações.

Esta é uma das formas de aumentar a confiança das massas em suas próprias forças e de elevar sua combatividade. A idéia de que a luta pelos interesses imediatos das massas é reformismo e de que unicamente a luta armada tem caráter revolucionário, não pode ser aceita pelos comunistas. Indiscutivelmente, o povo brasileiro só poderá livrar-se, em definitivo, da ditadura e de seus inimigos através da luta armada. Por essa razão, a guerra popular constitui o centro de preocupações do Partido. Mas a luta de massas e a guerra popular não se contradizem, ao contrário, se combinam. A luta de massas contribui para o desencadeamento da guerra popular. Esta, por sua vez, é a luta de massas em nível mais alto.

Ligar-se às massas, organizar suas lutas em diferentes níveis, difundir as palavras-de-ordem e aplicar a linha do Partido são tarefas permanentes dos comunistas, as quais assumem, na hora presente, significação decisiva.

LEIA :

Na Página 3 - O PARTIDO É INDESTRUTIVEL

Na Página 5 - JUSTA ORIENTAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Na Página 12 - OS POVOS ÁRABES TRIUNFARÃO



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

MENSAGEM AO PC DA CHINA

O Partido Comunista do Brasil envia ao Comitê Central do Partido Comunista da China, ao camarada Mao Tse-tung, aos trabalhadores, técnicos e cientistas chineses as mais calorosas felicitações por motivo da explosão com êxito da bomba de hidrogênio.

Esta explosão líquida e monopólio nuclear dos belicistas ianques e dos revisionistas soviéticos. Fortalece o poderio da China Popular e do vasto campo das forças antiimperialistas em todo o mundo. É uma grande vitória do socialismo, uma afirmação vigorosa da capacidade e do espírito criador dos trabalhadores chineses, uma conquista magnífica do marxismo-leninismo de nossa época, o pensamento de Mao Tse-tung.

No momento em que Kossiguin, após a traição aos povos árabes, se dirige a Washington para concertar novos acordos de estreita colaboração com o imperialismo norte-americano, a experiência nuclear chinesa ecoa como um enérgico protesto dos povos de todos os países contra o conluio soviético-norte-americano. É o prenúncio do inevitável fracasso da política de divisão do mundo em esferas de influência dos Estados Unidos e da União Soviética. Demonstra eloquentemente que a luta revolucionária das amplas massas populares é invencível.

O Governo da República Popular da China, repetidas vezes, tem afirmado que seu país não será jamais o primeiro a empregar esta arma de extermínio em massa e que está disposto a contribuir para um acordo visando à sua total eliminação. Os Estados Unidos, no entanto, tratam de defender seus monstruosos privilégios, sua política neocolonialista, a exploração e o domínio do mundo, brandindo com as armas nucleares. Mas suas ameaças, à medida que se desenvolve o arsenal atômico da China, voltam-se contra os próprios Estados Unidos. Os povos de todo o mundo, inclusive o norte-americano, acabarão impondo o fim da chantagem nuclear de Johnson.

Os revolucionários brasileiros saúdam com entusiasmo esta significativa vitória do povo chinês, dirigida pelo Partido Comunista e por seu eminente líder, grande teórico e notável revolucionário proletário, o camarada Mao Tse-tung. Formulam os melhores votos para que novos êxitos sejam alcançados a fim de que se fortaleça, mais e mais, a causa da independência nacional, da democracia popular e do socialismo em todo o mundo.

Viva o glorioso Partido Comunista da China !

Viva a unidade antiimperialista e anti-revisionista de todos os povos !

Viva o pensamento de Mao Tse-tung, instrumento poderoso de ação e de vitória dos trabalhadores de todo o mundo !

Julho de 1967

O Comitê Central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

U N E

A União Nacional dos Estudantes, tradicional organização democrática dos universitários, vai realizar, em São Paulo, seu 29º Congresso.

Desde a instauração da ditadura, os congressos da UNE vêm-se constituindo em jornadas de luta aberta dos estudantes brasileiros pelas liberdades. O 29º Congresso, além de prever vigorosas ações pela democracia, será um fator de desmascaramento do governo inepto de Costa e Silva.

Sem temer as ameaças da reação e a truculência policial, os universitários preparam sua reunião anual. Por seu lado, o ministro da Justiça exige dos prepostos da ditadura, nos Estados, que reprimam a todo o custo, e movimento estudantil. Neste modo, o Congresso da UNE se transforma em importante problema político. É de interesse não apenas dos estudantes, mas das forças democráticas e populares.

Todo o apoio ao Congresso da UNE!

O PARTIDO É INDESTRUTÍVEL

A reorganização, em 1962, do partido da classe operária, baseado no marxismo-leninismo, constituiu uma grave derrota para os inimigos do povo brasileiro. Defrontando inúmeras dificuldades, o Partido Comunista do Brasil voltou a erguer sua bandeira de luta, após a traição dos revisionistas, mantendo-se como forças de vanguarda revolucionária. Deu passos mg significativos na elaboração de um justo caminho para a luta emancipadora de nosso povo. A orientação aprovada na VI Conferência abriu novas perspectivas para o movimento democrático e antiimperialista.

Precisamente por isso, o Partido Comunista do Brasil tem sido o alvo principal do ódio dos oportunistas e dos adversários de povo, em especial do imperialismo norte-americano. Os revisionistas tudo fizeram para evitar que o Partido se consolidasse. Espalharam mentiras e calúnias e usaram os recursos mais condenáveis para golpeá-lo. Suas tentativas malograram completamente. O Partido cresceu em quase todo o país e há mais de cinco anos está presente e atuante na arena política nacional. Fracassaram os vaticínios de Prestes e seus acólitos de que o PC do Brasil não passaria de meia dúzia de elementos e não conseguiria manter-se além de seis semanas.

Agora, contra o Partido lançam-se outros inimigos. Já que os revisionistas foram impotentes para liquidá-lo partindo de posições de direita, surgem presentemente os que procuram liquidá-lo a partir de posições de "esquerda". Este é o objetivo do grupo de Tarzã, Luis, Mateus e outros, assim como de alguns trotsquistas e polopistas que se infiltraram em nossas fileiras. Sem nenhum argumento sério para refutar a justa orientação do Partido, armam intrigas, promovem ataques pessoais, semeiam a confusão e investem raivosamente contra o Comitê Central.

Trata-se de um reduzido grupo de pequeno-burgueses, carreiristas e aventureiros sem vinculação com o movimento operário. Seus componentes demonstraram ser incapazes de aceitar a disciplina de uma organização proletária. Vieram ao Partido com o fim deliberado propósito de assaltar sua direção ou desintegrá-lo internamente. Carentes de princípios, escondiam seus pontos-de-vista e realizavam atividade de sapa. Junto com esse grupo, foram desmascarados também alguns polopistas e trotsquistas que sorratamente ingressaram no Partido. Aparentando defender os interesses da classe operária e usando uma fraseologia pseudo-socialista, tais elementos, na realidade, defendiam opiniões sectárias e desagregadoras. Buscavam de fato entrar o avanço do movimento revolucionário.

É sintomático que o furioso ataque desses grupelhos contra o Partido e sua direção coincida com os desesperados preparativos do imperialismo norte-americano para estender sua agressão aos povos e com a campanha que realizam para esmagar ou debilitar o movimento comunista revolucionário. O fato de que o grupo de Tarzã e outros elementos antipartido repitam, em diferentes Estados, os mesmos "argumentos" e divulguem as mesmas calúnias, indica que, por trás de sua atividade divisionista, há um centro diretor agindo contra a revolução brasileira e sua vanguarda.

Assim como os revisionistas nada conseguiram em sua luta contra o Partido, tampouco o conseguirão os Tarzã, Luis, Mateus e comparsas. Livrando-se desses elementos, o Partido Comunista do Brasil torna-se mais coeso e combativo.

Tôdas as organizações e militantes do Partido devem discutir a Resolução do Comitê Central - "Desenvolver a luta ideológica e fortalecer a unidade do Partido" - a fim de lutar sem trégua contra os divisionistas de todo quilate e contra as manifestações de influências estranhas em suas fileiras. A indiferença diante de posições antipartidárias é uma forma de liberalismo inadmissível em nosso meio. Desmascarar implacavelmente a ação gru-

pista e defender a unidade do Partido revolucionário da classe operária é dever primordial de todo verdadeiro comunista.

O Partido Comunista do Brasil é indestrutível. Na luta contra todos os seus inimigos ele se tempera e se torna mais poderoso para levar à vitória a causa revolucionária do proletariado e do povo brasileiro.

ACONTECIMENTO RELEVANTE

A edição no Brasil do livro "Citações do Presidente Mao Tse-tung" é um acontecimento de grande relevância política. Constitui êxito marcante das forças progressistas. Malgrado o clima de asfixia das liberdades existentes em nosso país, a repercussão internacional alcançada por êsse livro e a luta do povo brasileiro em defesa da cultura e da democracia, possibilitaram sua publicação.

Milhares de brasileiros mostram-se ansiosos por conhecer o famoso livro vermelho de "Citações", que condensa em suas páginas idéias do que há de mais avançado no pensamento de nossa época. O estudo dessas idéias muito ajudará a classe operária, os camponeses e a intelectualidade a

compreender o imenso significado da teoria marxista-leninista para a solução dos problemas que afligem nosso povo. A vida confirma a cada passo a justiça e o valor universal da doutrina do proletariado. O pensamento de Mao Tse-tung se viu de guia para a libertação da China para as grandes transformações que ali se operam. Ilumina o caminho dos povos em luta por sua emancipação e abre novos horizontes para a Humanidade em sua marcha para o comunismo.

O livro de Mao Tse-tung - em que pese a tradução, cheia de defeitos está fadado a alcançar enorme sucesso em nosso país. Divulgá-lo é tarefa das que aspiram à libertação nacional e social do povo brasileiro.

sentença iníqua

A ditadura acaba de condenar a elevadas penas de prisão os participantes do movimento armado de Três Passos, dirigido pelo coronel Jefferson Cardim. E a pretexto de autoria intelectual do levante, condenou também injustamente Leonel Brisola e outros políticos brasileiros asilados no Uruguai.

Esta monstruosa decisão da Justiça Militar revela o modo que a ditadura tem do povo. Com tão iníqua sentença pretende dissuadir todos os que buscam recorrer ao caminho da luta armada. Mas não o conseguirá. Ao contrário, maior será o ódio do povo. Cardim e seus companheiros não fizeram mais do que cumprir seu dever de patriotas, empunhando armas para combater o regime entreguista e despótico que se estabeleceu no país com o golpe de abril.

O exemplo de Três Passos permanecerá vivo na memória do povo. A luta contra a ditadura há de se intensificar e com ela a exigência da liberdade dos presos políticos.

"Enveredando pelo caminho revolucionário, atrevido-se a enfrentar os imperialistas norte-americanos e seus sustentáculos internos, o povo brasileiro acabará triunfando. O decisivo é ter determinação e trabalhar com afinco para que a revolução deixe de ser um desejo e se transforme em esplêndida realidade".

(Do documento de agosto de 1964 da Comissão Executiva do CC do PC do B.)

JUSTA ORIENTAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Publicamos a seguir a intervenção de um membro da direção do Partido no Rio Grande do Sul feita na última reunião do Comitê Regional, em junho p.pdo.

Tem surgido, ultimamente, dentro e fora do Partido, uma série de objeções à sua orientação geral e, em particular, ao documento da VI Conferência. Essas objeções são de gráu e matizes diversos, mas têm em comum a afirmação de que o Partido caiu numa posição de direita. Alguns consideram que esse direitismo já se manifesta na própria caracterização que o Partido faz da revolução brasileira. Esse gênero de críticos afirma que a revolução brasileira é desde logo socialista. Outros não vão tão longe, mas consideram que a linha adotada pela VI Conferência não apresenta um caminho próprio para a classe operária e os camponeses na luta contra o imperialismo e o feudalismo.

Pretendemos aqui examinar as objeções à linha do Partido. As acusações caluniosas que por vezes são feitas contra o Comitê Central não merecem maior atenção. São o subproduto sem princípios da luta de princípios.

A natureza elementar de algumas dessas objeções nos obriga a partir de uma questão rudimentar.

I - Podem os partidos operários adotar palavras-de-ordem não estritamente operárias?

Esta questão está aqui colocada em termos gerais. Não é uma questão nova para o marxismo. Pode-se mesmo dizer que ela foi abordada e respondida por Marx e Engels no primeiro documento programático do comunismo, o "Manifesto do Partido Comunista", de 1848, onde se lê, por exemplo:

Na Polônia, os comunistas apóiam o partido que faz de uma revolução agrária a condição da emancipação nacional... Meio século depois, devido às peculiaridades da Revolução Russa, Lênin foi levado a abordar exaustivamente problemas que diziam respeito, em essência, à mesma questão. Lênin, como todos os socialistas russos, considerava que a Revolução Russa tinha, na sua primeira fase, um caráter democrático-burguês.

Em 1902, Lênin redigiu um projeto de programa para o partido marxista do proletariado, o Partido Operário Social-Democrata Russo, como então se chamava. Neste texto, depois de definir o objetivo final especificamente operário do P.O.S.D.R., - "a abolição da propriedade privada sobre os meios de produção" - isto é, o socialismo, escreve que o tsarismo

"...é o mais feroz e perigoso inimigo do movimento de libertação do proletariado... Por esta razão, o P.O.S.D.R. se propõe, como tarefa política imediata, a derrubada da autocracia tsarista e a sua substituição por uma república..." (Lênin - Obras Completas - vol. VI).

A seguir enumera as diversas reivindicações democráticas a serem incluídas numa constituição republicana: concentração do poder numa assembleia legislativa composta por representantes populares, sufrágio universal, igual, direto e secreto, inviolabilidade da pessoa e do domicílio dos cidadãos, "liberdade ilimitada de consciência, de palavra, de imprensa, de reunião, de greve e de associação", etc. Lênin vai mais longe: no item do programa apresenta uma reivindicação aparentemente de interesse apenas da burguesia: liberdade de indústria.

Portanto, Lênin, seguindo o caminho já aberto por Marx e Engels, respondia afirmativamente à questão em exame: o partido do proletariado não só

pode como deve, em ~~certas~~ determinadas circunstâncias, apoiar e adotar reivindicações não estritamente operárias como é o caso das de natureza democrática. Ao mesmo tempo sublinhava que, nestas circunstâncias, o partido do proletariado deve preservar sua independência ideológica, política e orgânica, manter uma atitude de vigilância e crítica em relação à burguesia eventualmente interessada nas mesmas reivindicações e preparar-se para, no momento oportuno, ~~vaiar~~ levar a revolução adiante, até o socialismo.

Reportamo-nos a Marx, Engels e Lênin, ao abordar esta questão porque suas concepções passaram pela prova da prática, foram confirmadas pela história. Poderíamos também nos reportar a Mao Tse-tung que, apoiado nessa mesma concepção, conduziu a Revolução Chinesa à vitória.

Mas abordar esta questão apenas em termos gerais, válidos para qualquer partido operário, em qualquer época, é insuficiente. O problema que se apresenta para nós não é geral. É o problema particular do Brasil dos nossos dias. Qual deve ser, hoje, em nosso país, a conduta de um partido revolucionário do proletariado?

II - O caráter da revolução brasileira

Inicialmente, é necessário repisar o que talvez pareça óbvio: a linha geral de um partido marxista não pode ser fixada arbitrariamente ou em função dos desejos de quem quer que seja. Se dependesse dos nossos desejos, partidários que somos da sociedade comunista, estaríamos reclamando a extinção do Estado, a abolição do dinheiro, a eliminação das desigualdades entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, entre a cidade e o campo, etc. Mas como marxistas, sabemos que o desenvolvimento da Humanidade é regido por leis objetivas, que independem da nossa vontade. Seria utópico e pernicioso propor metas que não estão objetivamente maduras para serem atingidas. Com base no conhecimento dessas leis, formuladas pelo marxismo, os comunistas examinam a realidade objetiva de um país e elaboram o seu programa, a sua estratégia e a sua tática de acordo com as conclusões extraídas dessa realidade. Agir diferentemente seria cair no subjetivismo, que é uma das modalidades do idealismo, e condenar o partido operário ao fracasso.

Dai a importância da questão relativa ao caráter da revolução brasileira. Esta questão diz respeito, em última análise, às tarefas revolucionárias que já amadureceram e podem ser imediatamente resolvidas nas condições concretas do desenvolvimento da sociedade brasileira. Quem nega a importância desse problema dificilmente pode ser considerado marxista. Conforme a conclusão que a respeito se chegue, tais serão o programa, a estratégia e a tática adotadas. Lênin criticou com vigor precisamente

"a fraseologia revolucionária dos social-revolucionários, os quais, somente durante a revolução, se apressaram em apresentar um projeto de programa e se ocupam, pela primeira vez, da questão de saber se a revolução que se processa ante seus olhos é burguesa."

(Duas Táticas da Social-Democracia na Rev. Democrática)

Em segundo lugar, é preciso assinalar que, assim como o problema do caráter da revolução não foi o motivo da divisão entre bolcheviques e mencheviques na Rússia, também em nosso país não foi o divisor de águas entre revolucionários e oportunistas. Os revisionistas do PC Brasileiro aceitam formalmente a tese das duas etapas da revolução. Revelam-se reformistas impenitentes em outras questões, como a do caminho pacífico, a atitude frente às reformas, as relações com a burguesia nacional, etc.

Mas se a questão do caráter da revolução brasileira não é o divisor de águas entre revolucionários e reformistas, ela vem sendo, por outro lado, o centro de um debate em que surgem vozes afirmando ter a revolução brasileira um caráter socialista. Essas pessoas acham que o partido operário deve apresentar um programa imediato de reivindicações socialistas e concentrar o ataque contra a burguesia em geral. É evidente que isto nem sempre é dito com clareza, mas é a

essência de uma série de teses que negam a linha do Partido.

Antes de mais nada, faz-se necessário esclarecer que é totalmente falso apresentar a questão em termos antagônicos, como fazem, via de regra, essas pessoas: ou a revolução brasileira é, apenas, agrária e antiimperialista ou é socialista. Esta separação é antidialética. Para nós, a revolução brasileira é um processo único, com duas etapas. Estas, porém, não se contrapõem. A segunda, a etapa socialista, é continuação natural e obrigatória da primeira, agrária e antiimperialista, que deve se realizar sob a direção do proletariado em aliança principalmente com os camponeses.

A concepção do Partido sobre o assunto é fruto da nossa interpretação da realidade brasileira e da generalização da prática da nossa revolução.

Há, hoje, um consenso geral de que o Brasil é um país subdesenvolvido, designação eufemística, muito utilizada pelas classes dominantes porque nada diz quanto às causas do nosso atraso e obscurece a essência do problema. Indubitavelmente o Brasil é um país ~~extremamente~~ atrasado no sentido do desenvolvimento capitalista. Uma sumária investigação dos índices ~~estatísticos~~ estatísticos habitualmente utilizados para aferir o desenvolvimento capitalista, conduz a esta conclusão. Globalmente, o nosso país é um dos mais atrasados do mundo, apesar da existência de regiões bastante industrializadas.

Ora, se é débil o desenvolvimento capitalista no Brasil, é óbvio, para quem adota critérios marxistas, que sobrevivem entre nós restos de formações econômico-sociais pré-capitalistas. São principalmente as sobrevivências feudais no campo. O mais importante deles é o monopólio da terra pela classe dos latifundiários, causa da miséria inaudita da massa camponesa, fator limitante do desenvolvimento do mercado interno e, portanto, de próprio capitalismo. Outros restos feudais existem no terreno das relações de produção. Correspondem, por vezes, às fases mais atrasadas do feudalismo. É o caso do cambão, por exemplo, ainda tão difundido em certas regiões, que nada mais é do que a corvêia medieval. Em consequência, o nosso camponês, espoliado e miserável, tem fome de terra e é em torno da terra que se desenvolveram os maiores movimentos camponeses, desde o Contestado até às Ligas Camponesas do Nordeste e às ações dos sem-terra no Rio Grande do Sul. O feudalismo no Brasil, ao contrário do que afirmam certos "teóricos" tem raízes históricas e decorreu da nossa colonização por um dos países mais atrasados da Europa, Portugal, onde até hoje também existem restos feudais. Portugal transplantou para o nosso país o seu próprio feudalismo. As capitânicas hereditárias assemelhavam-se a enormes feudos e as dificuldades opostas pelo colonizador ao desenvolvimento da indústria e do comércio, que motivaram várias rebeliões, eram tipicamente medievais.

Outro fato indicativo de que não se completou no Brasil a revolução deocrático-burguesa é, no tocante à superestrutura, ~~em~~ o marcado caráter despótico do ~~nosso~~ Estado, mesmo nos curtos períodos de relativa democracia.

Por outro lado, o nosso país, devido ao seu ~~extremo~~ atraso, se tornou presa fácil do imperialismo, última fase do capitalismo. ~~Em~~ tôrno disso há, hoje, também um consenso quase geral. Mesmo políticos conservadores apontam variadas manifestações da dominação imperialista, sobretudo depois do golpe de abril de 1964. Existe, assim, no Brasil, como fruto da ação dos monopólios estrangeiros e da interferência dos governos das metrópoles imperialistas, o que se denomina problema nacional. O nosso país não goza de plena soberania. É dependente do imperialismo que se apóia em determinadas forças sociais internas, com ele coliga das no plano econômico e no plano político. A dominação imperialista é também um freio para o desenvolvimento do país.

Estes dois fatores interligados - dominação imperialista e sobrevivências feudais - são causa e efeito do nosso atraso e principais fontes geradoras da crise brasileira, que só será resolvida pela revolução.

Por isto afirmamos que se apresentam tarefas ~~urgentes~~ urgentes para a revolução brasileira: a libertação nacional do domínio imperialista e a liquidação do monopólio da terra e demais restos feudais que o acompanham, as quais se liga o problema da democracia. E a prática da vida política nacional, sobretudo

nos últimos anos, indica que, em última análise, tudo gira em torno dessas questões, direta ou indiretamente. Não seríamos bons marxistas se ignorássemos as lições da prática.

O caráter da revolução brasileira surge, assim, da realidade objetiva. Fugir dessa realidade, atribuindo, de modo arbitrário, caráter socialista ao processo revolucionário em desenvolvimento no país, é utopia de doutrinarismo desligado da vida ou que transforma seu desespero de pequeno burguês, espreme entre as contradições da sociedade, em motivação teórica. Se o proletariado adotasse semelhante utopia ~~mat~~ como orientação política estaria condenado à impotência e ao isolamento, entregaria a direção do processo revolucionário real à burguesia nacional-reformista, (que o desnaturaria), e acabaria limitando-se, na tática de classe contra classe, à luta econômica.

Não é demais, a esta altura, lembrar novamente Lênin. No período que antecedeu à primeira revolução russa, a de 1905, Lênin travou acirrada polêmica contra os chamados economistas. Estes constituíram uma tendência oportunista de direita no movimento socialista russo paramentada, algumas vezes, de muito proletária, muito radical, etc. Consideravam que os "velhos militantes", isto é, os socialistas da primeira geração, entre os quais Lênin, ocupavam-se excessivamente da ação política contra o tsarismo, quando o principal seria desenvolver a luta de classes contra a burguesia no terreno mais acessível a todos os operários, a luta econômica. Acusavam particularmente Lênin de "buscar aliados nas fileiras dos liberais", ou seja, dos políticos burgueses contrários à autocracia, de abandonar amiúde "o ponto-de-vista de classe" e de obscurecer as contradições de classe (Lênin - Obras Completas, vol. V, artigo "Conversa com os defensores do economismo"). Relembrando esta polêmica, Lênin escreveu, em 1905, no já citado "Duas Táticas":

"Os economistas, sob o pretexto de aprofundarem o trabalho, sob o pretexto da iniciativa operária e da política puramente de classe, o que faziam na realidade, era entregar a classe operária em mãos dos políticos burgueses liberais..."

"Ao fixar como missão do governo provisório revolucionário a execução de um programa mínimo, a Resolução (refere-se a uma resolução dos bolcheviques -BR) elimina, por este meio, as absurdas idéias semianarquistas sobre a realização imediata do programa máximo, sobre a conquista do poder para levar a cabo a revolução socialista..."

"E como contestação às objeções anarquistas de que procrastinamos a revolução socialista, diremos: não a procrastinamos, mas, pelo contrário, damos o primeiro passo na direção da mesma pelo único processo possível, pelo único caminho certo, por meio da república democrática."

E ainda na mesma obra:

"Seria ridículo e reacionário esquecer, desconhecer ou menosprezar... as tarefas essenciais de momento, embora sejam transitórias. A luta contra a autocracia representa missão temporária e transitória dos socialistas, mas desconhecer ou menosprezar esta missão equivale a trair o socialismo e servir à reação".

Achamos que estas palavras de Lênin aplicam-se, "mutatis mutandis", aos partidários da revolução socialista como etapa imediata para o nosso país. Suas concepções são profundamente nocivas ao movimento operário e revolucionário. Ao proporem a luta contra a burguesia em geral como eixo de toda a estratégia revolucionária, estão prestando um ótimo serviço ao imperialismo norte-americano e seus associados nacionais, os quais deixam de ser o inimigo principal e escapam, assim, ao fogo concentrado das forças revolucionárias. Este fogo se dispersa numa vasta frente onde se situam inclusive forças sociais que têm também contradições permanentes com o imperialismo e a autocracia.

Procedeu bem, assim, a Conferência de reorganização do Partido, em 1962, quando, no Manifesto-Programa, ~~se~~ frisou que ~~o~~ Partido "se orienta pelo marxismo-leninismo(...) e objetiva o socialismo e o comunismo", assinalou que "na presente situação, a principal tarefa do povo brasileiro é a luta por um governo popular revolucionário, inimigo irreconciliável do imperialismo e do latifúndio, governo de liberdades, cultura e bem-estar para as massas".

Ao enumerar, no Manifesto-Programa, as forças sociais que podem e devem se unir para a revolução - operários, camponeses, intelectualidade, pequena burguesia urbana, pequenos e médios industriais e comerciantes, e outros elementos progressistas -, ao prepor os itens programáticos do governo popular revolucionário, onde se destacam as medidas antiimperialistas e antifeudais, o Partido definiu-se quanto ao problema do caráter da revolução, a natureza do poder pelo qual se luta na primeira etapa e a estratégia a adotar. E definiu-se certo.

Mas para um partido revolucionário é insuficiente possuir um programa e uma estratégia corretos. Na atividade cotidiana junto às massas não se pode trabalhar apenas com palavras-de-ordem gerais. É indispensável encontrar aquelas que se ligam à situação política concreta de cada momento, em torno das quais as massas possam ~~se~~ mobilizar visando objetivos mais ou menos imediatos, ainda que parciais. Em outras palavras, um partido revolucionário precisa possuir também uma tática, adequada a cada situação.

Com o golpe de abril de 1964, surgiu no país uma situação nova. O Comitê Central analisou detidamente esta nova situação. O primeiro documento nesse sentido foi o de agosto de 1964. Depois, além de outros, foi elaborado o conhecido estudo sobre "A ameaça neocolonialista". Finalmente, na VI Conferência, em junho de 1966, com base nos estudos anteriores, elaborou-se a tática do Partido para o período em que vivemos. É principalmente contra o documento nela aprovado, no tocante à palavra-de-ordem de "União pela independência, progresso e liberdade", que se lançam acusações de direitismo. Analisaremos, então, a seguir, a parte da Resolução da VI Conferência que diz respeito à nossa tática frente ao regime instaurado em abril de 1964.

III - A Resolução da VI Conferência

O caráter tático das propostas do documento sobre a situação nacional fica perfeitamente claro em várias afirmações da resolução:

"Em seu Programa, aprovado na Conferência de fevereiro de 1962, o Partido Comunista do Brasil indicou o caminho da revolução nacional e democrática, agrária e antiimperialista." (Cap. III, item 3).

E mais adiante:

"... os comunistas, em sua multifacética atividade, jamais devem perder de vista o seu Programa. Precisam nortear-se por ele, que é a meta a atingir nesta primeira etapa da revolução." (Idem).

"Na luta pelo seu Programa, o Partido busca, no processo político em curso, as formas e meios de aproximar-se de seus objetivos." (Item 4).

"O Partido considera que a solução da crise brasileira está no triunfo total da revolução nacional e democrática. Não tem dúvida, porém, de apoiar um movimento de união patriótica com objetivos mais limitados." (Item 6)

O documento da Conferência, portanto, é exatíssimo em definir os objetivos revolucionários do Manifesto-Programa para a atual etapa da revolução brasileira. Mas não trata deste problema e, em de outro, mais imediato: o da derrubada da ditadura instaurada em abril de 1964. Esta é uma questão que diz respeito às formas e meios de aproximar-se do objetivo programático

questão tática.

Em situação assemelhada e sobre problemas assemelhados, Lênin escreveu:

"A Resolução (trata-se da já citada resolução dos bolcheviques) ... está inteira e exclusivamente consagrada ao problema relacionado com o Governo Provisório Revolucionário.

... trata-se apenas de um governo provisório revolucionário e de nenhuma outra coisa; por conseguinte, não cabe aqui discutir questões como a da "conquista do poder" em geral e outras." Isto porque, prossegue: "o problema do momento para todo o povo é a derrubada da autocracia e a convocação da assembléia constituinte." (Obra citada)

Partindo da realidade surgida no país com a ditadura, da ampla faixa de forças políticas atingidas, feridas e prejudicadas pelos golpistas, o Partido propõe uma ampla aliança para a derrubada do governo ditatorial e sua substituição por outro governo. Não uma substituição qualquer, por um governo qualquer. Diz a Resolução da VI Conferência:

"A experiência ... mostra que para alcançar a independência, o progresso e a liberdade é necessário esmagar os reacionários mancomunados com os monopolistas ianques. Isto só é possível por meio da revolução." (Item 11)

E com referência ao governo que resultar da vitória do movimento por independência, progresso e liberdade, afirma:

"É possível que se instale ... um governo democrático, representativo de todas as forças patrióticas. Um governo desta natureza teria como uma de suas principais atribuições a convocação de uma Assembléia Constituinte. ... Dentro do sistema vigente, sob a égide dos generais reacionários, a Constituinte não passaria de uma farsa." (It.6)

A questão, pois, se situa assim; face à ditadura, o Partido propõe uma ampla aliança de todos os que a ela efetivamente se opõem; essa aliança pela independência, pelo progresso e pela liberdade pode ser mais ampla do que a frente única de luta por um governo popular revolucionário devido à extensão dos interesses atingidos pela ditadura; o método de luta adotado e defendido pelo Partido no seio dessa aliança é revolucionário; seu programa é patriótico, progressista e democrático (pontos do item 5), mais amplo do que o contido no nosso Manifesto-Programa em virtude da natureza dessa frente única tática; sua missão principal é a derrubada da ditadura; da vitória do movimento poderá surgir um governo cuja composição corresponderá à composição e à correlação interna de forças da aliança antiditadura; seria um governo de tipo provisório, já que deveria convocar uma Assembléia Constituinte; ao aceitar a possibilidade de um governo deste tipo o Partido não abre mão do seu objetivo na atual etapa: um governo popular revolucionário sob a hegemonia do proletariado.

Como se trata de uma linha tática, o Partido mantém toda a liberdade de ação. Se no curso do movimento contra a ditadura, surgirem condições para instaurar logo o governo popular revolucionário, sob a hegemonia do proletariado, é óbvio que se deixará de lado a possibilidade do outro governo patriótico, progressista e democrático, uma vez que o primeiro continua sendo o nosso objetivo em matéria de poder na presente etapa. Afirma-se na Resolução que este último é possível, mas não se diz que é obrigatório. É uma bandeira que facilita a unidade de ação contra a ditadura.

Na Resolução ainda se afirma:

"No esforço para forjar a frente única, os comunistas devem desenvolver intensa atividade, particularmente entre a classe operária e as grandes massas camponesas, tendo sempre em vista forjar a aliança destas duas classes sociais." (Item 7)

A tática do Partido, portanto, está voltada principalmente para as grandes massas trabalhadoras, e não para a burguesia nacional ou para os setores oposicionistas das classes dominantes, embora não os ignore. A Resolução tem todo um título ressaltando a importância da ação de massas, outro para o trabalho camponês e outro ainda para a luta armada. A concepção de luta em frente única nela exposta não tem nada em comum com a de conchavos de cúpula, nem com uma tática de modificações paulatinas nas instituições ditatoriais.

O Partido distingue, perfeitamente, no caso da burguesia, entre o problema de direção e de participação. Considera que a burguesia nacional pode participar da ampla frente de luta democrática e antiimperialista. Sabe, no entanto, que ela não pode dirigir com êxito esta luta. Já demonstrou, na prática, ser uma força que vacila e capitula. A tática do Partido volta-se, por isso, para a conquista da hegemonia pelo proletariado. A hegemonia depende do apoio decidido de grandes massas. E este apoio, nas atuais condições, será conquistado pela corrente política que for mais consequente na luta contra a ditadura e o imperialismo norte-americano. Um Partido como o nosso, que levanta firmemente a bandeira democrática e antiimperialista e as reivindicações mais sentidas dos camponeses, que se orienta no sentido de dirigir a forma mais alta de luta de povo, tem todas as possibilidades de se tornar a força dirigente do processo revolucionário.

De que, então, pode ser acusado o documento? Dizer que ele não contém um programa de reivindicações operárias e camponesas é revelar uma estreita e errada compreensão do que são reivindicações operárias e camponesas. No momento, a principal reivindicação operária e camponesa é a derrubada da ditadura. Se isto coincide com os interesses de outras classes, tanto melhor para os operários e camponeses. Mas a Resolução não esqueceu tampouco as reivindicações imediatas e específicas dos trabalhadores. Ao traçar as tarefas do Partido, reitera (item 13):

"Organizar e desenvolver a luta pelas reivindicações econômicas dos trabalhadores das cidades e do campo. Defender as conquistas da classe operária ameaçadas pela ditadura. Pugnar por eleições livres nos sindicatos e pelo direito de associação para os camponeses. Organizar os trabalhadores nas empresas e nas concentrações de assalariados agrícolas."

Isto não constitui um programa de ação imediata para os trabalhadores? Poder-se-ia, é claro, permenarizar. Mas isto não era necessário fazer na Resolução da Conferência. Os organismos do Partido têm toda a liberdade de, em cada situação concreta, aplicar esta diretiva geral aos problemas específicos e particulares que surgirem.

Dizer que a linha da Resolução gera ilusões na burguesia é uma frase sem sentido. Não há uma única formulação no documento que atribua à burguesia nacional virtudes revolucionárias que ela não tem. Pelo contrário, a parte relativa ao combate ao revisionismo é voltada contra ilusões deste tipo.

Alegar que a Resolução não apresenta clareza no tocante à questão do poder, mostra falta de clareza de quem o afirma e não da Resolução. Vimos acima que o documento trata deste problema sem deixar margem à dúvida, reafirmando o objetivo estratégico - governo popular revolucionário - e aceitando uma possibilidade tática, a de governo praxi patriótico, progressista e democrático. O problema do governo para resolver as tarefas da atual etapa da revolução é tratado no Manifesto-Programa que continua em vigor, como a própria Resolução frisa reiteradamente. O governo cuja possibilidade a Resolução aventa tem objetivos mais limitados e não se confunde com o primeiro.

É inútil também atacar a Resolução da Conferência pinçando palavras ou frases isoladas daqui ou dali. Em primeiro lugar, porque a redação foi relativamente cuidadosa e em segundo lugar porque o que prevalece, para qualquer leitor de bom fô, é o conteúdo do conteúdo e este é inatacável. Dizer, por exemplo, que falar em "autêntica democracia" é indicio de direitoismo constitui um autêntico excesso de zelo. O documento apenas afirma que a autêntica revolução

tem um ardente desejo de uma autêntica democracia (Item 5). Ao dizê-lo expressou uma verdade. Entre o povo podem existir variadas opiniões sobre o que é a autêntica democracia que cada um deseja e nenhuma delas coincidir com a teoria marxista do Estado. Mas isto não tira o valor político do fato. Lênin, como vimos antes, falou, no seu projeto de programa de "liberdade ilimitada" que ele sabia perfeitamente ser impossível enquanto existir qualquer tipo de Estado. Mas Lênin estava escrevendo um programa político para as massas e não um ensaio teórico sobre a liberdade. São distinções que, para evitar o doutrinarismo estéril, é interessante fazer.

Portanto, quem aceita e compreende efetiva e não formalmente (ou só pela metade) as teses do Partido sobre o caráter da revolução brasileira; quem é capaz de extrair daí as conclusões obrigatórias sobre a estratégia a adotar; quem aceita e compreende efetiva e não formalmente a análise do Partido sobre a nova situação criada pelo golpe de abril; quem faz distinção entre estratégia e tática e entre objetivo estratégico e objetivo tático — não pode deixar de aceitar e compreender a Resolução da VI Conferência.

Ao finalizar esta intervenção, é necessário dizer que se tornou urgente traçar uma clara linha demarcatória entre nós e certas tendências pequeno-burguesas confusamente ultrassquardistas, que proliferam no Brasil como uma espécie de penitência que o movimento revolucionário paga pelo aparecimento do revisionismo.

É preciso ficar claro que não somos um partido trotsquista, sartrista, swegysta, dehraysta ou qualquer coisa assemelhada, nem no todo nem em parte. Somos inteiramente, totalmente, exclusivamente, decididamente e apaixonadamente um partido marxista-leninista. Esta adesão sem reservas ao marxismo-leninismo está expressa nos nossos Estatutos. Quem considera que o marxismo-leninismo está superado ou que esta adesão por inteiro à sua doutrina do proletariado constitui dogmatismo, não deve ingressar no Partido.

PANORAMA INTERNACIONAL

OS POVOS ÁRABES TRIUNFARÃO

Os acontecimentos no Oriente Médio vieram mais uma vez comprovar que os imperialistas norte-americanos são os inimigos jurados da paz e da independência dos povos. A recente agressão de Israel aos países árabes foi maquinada em Washington. Este ato infame mereceu a condenação de todas as forças progressistas do mundo. Apesar de seu imenso desejo de luta e de liberdade, os povos árabes sofreram, temporariamente, um revés. Os revisionistas soviéticos desempenharam nesses acontecimentos um papel de cúmplices dos imperialistas ianques e de traidores daqueles povos.

Os monopolistas norte-americanos, desde há muito, tentam esmagar o movimento de libertação dos povos árabes. Desejam apossar-se das riquezas petrolíferas do Oriente Médio, explorar seus povos e dominar essa importante região estratégica. Mais premente tornou-se para os Estados Unidos a necessidade de esmagar esse movimento porque tratam de expandir sua agressão na Ásia, visando particularmente a China Popular. O Estado de Israel é instrumento de sua política guerreira e neocolonialista. A Casa Branca assegurou-lhe todo o apoio político e militar para consumar a agressão de julho p.pdo. Por sua vez, o sionismo, engravado artificialmente como Estado no mundo árabe, com a ajuda do imperialismo, tem seus próprios projetos expansionistas. Pretende continuar alargando pela força as fronteiras de Israel.

Aparecem assim conjugados os interesses do imperialismo ianque e do sionismo no ataque ao Egito, à Síria e à Jordânia. A ocupação pelas tropas de Israel, com o apoio norte-americano, da península do Sinai, de pontos estratégicos do Canal de Suez e de regiões fronteiriças da Síria e da Jordânia é parte da realização dos planos israelenses-norte-americanos.

O movimento de libertação dos povos árabes havia alcançado, na última década, importantes êxitos. A nacionalização do Canal de Suez, a vitória da Revolução Argelina, o crescente sentimento antiimperialista desses povos e, mais recentemente, a instauração na Síria de um governo nacionalista, são disso testemunho. No entanto, na maioria das nações árabes continuam predominando velhas estruturas feudais e boa parte de suas riquezas encontram-se em mãos de trustes estrangeiros. As massas não gozam de amplas liberdades para se organizar e defender suas legítimas aspirações. Em tais condições, não foi difícil ao imperialismo ianque e a seu fantoche, Israel, desencadear a guerra-relâmpago no Oriente Médio. Ainda que imbuídos do mais justo ódio ao imperialismo e ao sionismo, os povos árabes não chegaram a pôr em ação o seu enorme potencial de luta. Sofreram um revés sem que tivessem a possibilidade de se empenhar a fundo em combate.

Acumpliciados com os Estados Unidos, os revisionistas soviéticos cometeram, nos acontecimentos do Oriente Médio, vilania semelhante à da crise dos foguetes em Cuba. Proclamavam-se amigos e defensores da causa árabe e adversários dos imperialistas ianques. Afirmavam que os países árabes podiam contar com o apoio decidido da União Soviética no caso de um ataque israelense. Tudo não passou de engodo. Em realidade, manietaram os povos árabes. Primeiro, quando lhes exigiram permanecer passivos ante a iminência do ataque de surpresa de Israel. E logo depois de consumada a agressão, quando concordaram com o cessar-fogo, decretado pelo Conselho de Segurança. Esse duplo jogo de fingir amizade aos árabes e na prática juntar-se com os imperialistas ianques, ficou entretanto desmascarado. Todos os povos deram-se conta de mais essa traição dos revisionistas soviéticos.

Numa tentativa de salvar as aparências, Kossiguin convocou a Assembleia Geral das Nações Unidas e se dirigiu apressadamente a Nova Iorque. Mas seu propósito real não era a defesa do mundo árabe e a firme condenação do imperialismo norte-americano e sim o apasiguamento e a capitulação diante das exigências ianques. Objetivava concertar novos acordos de estreita colaboração com os governantes de Washington, tendo em vista a luta contra a China, e a divisão do mundo em esferas de influência entre os Estados Unidos e a URSS.

Ainda que tenha sofrido uma derrota militar, o movimento árabe de libertação não foi nem será esmagado. Se os resultados da guerra no Oriente Médio, do ponto-de-vista imediato, asseguraram vantagens aos Estados Unidos e a Israel, vistos em perspectiva, acumularam elementos que terminarão por levar à derrota os imperialistas ianques e os sionistas. Cresceu como nunca o ódio dos povos árabes aos imperialistas norte-americanos. Fortaleceu-se a vontade de luta das grandes massas da Ásia, África e América Latina, contra o neocolonialismo. Os revisionistas soviéticos, aliados aos monopólistas dos Estados Unidos, isolaram-se mais ainda. Ampliou-se consideravelmente a frente mundial de luta contra o imperialismo estadunidense.

O movimento árabe de libertação, ao tirar lições da experiência vivida, examinando mais profundamente as causas de seu revés, atingirá certamente novo auge. O futuro pertence aos povos e não ao imperialismo.

" O Objetivo da luta contra as idéias nocivas e em defesa da unidade do Partido é fortalecer a organização partidária e fazer prevalecer as opiniões corretas. Nesta luta, tem a maior importância estimular o pensamento vivo em contraposição às fórmulas estratificadas, desenvolver uma argumentação alicerçada na prática em oposição às especulações abstratas fora da realidade, defender inteligentemente a orientação política ao invés da enfadonha repetição de frases feitas. O debate é tanto mais proveitoso quanto mais contribua para levar o Partido à ação entre as massas e ajude a aplicar criadoramente seus princípios e sua linha. "

(Da resolução do Comitê Central, de maio)